

## NAS FRESTAS DO TRABALHO DE CAMPO

Rita de Cássia Melo Santos<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0001-9368-6176>

Mércia Rejane Rangel Batista<sup>2</sup>

 <http://orcid.org/0000-0003-4995-1117>

Antropologia e fotografia surgem num tempo mais ou menos comum e se encontram em algumas situações convergentes. No que diz respeito às expedições antropológicas, a contribuição da fotografia é incalculável. Os primeiros usos dela como forma de registro e documentação datam das expedições de Franz Boas à Ilha de Baffin (1883) e à região da Columbia Britânica e da Costa do Pacífico (1886-1902). No Brasil, a exposição antropológica de 1882 e, algumas décadas depois (1907-1912), os trabalhos pioneiros de Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) a frente do Museu Nacional do Rio de Janeiro, legaram um conjunto fotográfico que conecta museus e populações indígenas possibilitando a memória não apenas da disciplina, mas, dos próprios povos.

Na década de 1940, inspirado por Roquette-Pinto, Luís de Castro Faria (1931-2004) se empenhou em igual esforço fotográfico durante sua expedição com Levi-Strauss à região de Rondônia. Apesar do uso constante do registro fotográfico em muitas das publicações realizadas por Lévi-Strauss, a importância da imagem ocupou um lugar menos destacado. E isso também se refletiu no trabalho de Castro Faria, cujos registros só vieram a ser conhecidos muito tempo depois, num processo mais recente de revalorização das imagens empreendido a partir do final do século XX (*Um outro olhar: diário da expedição à Serra do Norte. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2001*). O mesmo ocorreu com as fotografias do trabalho de campo de Bourdieu na Argélia, guardadas por muitas décadas até tornarem-se acessíveis na obra póstuma de 2003 (*Images d'Algérie. Arles: Actes sud, 2003*).

Animadas por esse movimento mais contemporâneo de difusão e recuperação de acervos realizados em tempos de outrora, interessava-nos apresentar registros do trabalho de campo empreendido pelas antropólogas na região Nordeste. Porém, esse tipo de registro é raro e incomum. A ausência parece, assim como nos trabalhos mencionados anteriormente, resultado de um privilégio do registro dos universos humanos percorridos, ao invés, do registro do próprio antropólogo em campo. Pode-se dizer que fotografar os trabalhadores nos seus diferentes papéis e momentos constituiu-se num movimento de reconhecimento e positividade, o que implicou no recuo ou não

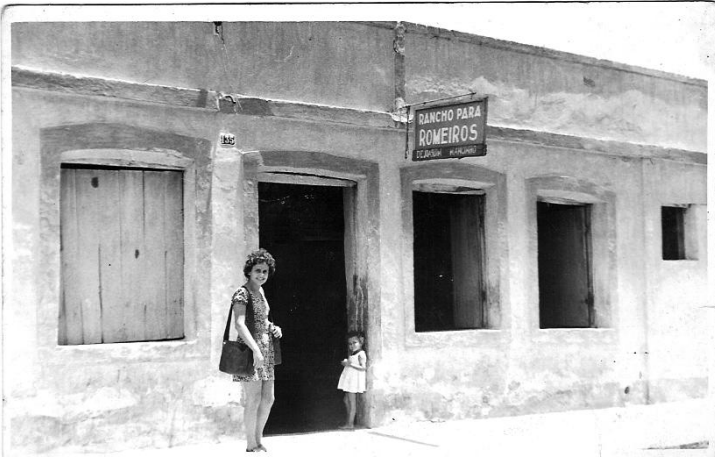
---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia Social. Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: [santos.cm.rita85@gmail.com](mailto:santos.cm.rita85@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia Social. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: [mercia.batista1@gmail.com](mailto:mercia.batista1@gmail.com).

registro dos pesquisadores em campo. Ainda assim, é possível recuperar alguns fragmentos de suas estadias em campo, não raro entre pesquisados e nos salutares momentos de descanso e lazer que marcavam as passagens entre um e outro trabalho de campo.

As imagens aqui apresentadas foram cedidas por José Sérgio Leite Lopes, Rosilene Alvim, Valentina Gatti e Regina Novaes a quem somos imensamente gratas.



Rosilene Alvim, na entrada de um rancho para romeiros. Juazeiro do Norte, CE, 1970.



Rosilene Alvim, com família de seu principal interlocutor, o ourives conhecido como Chumbo. Juazeiro do Norte, CE, 1970.



Rosilene Alvim, com família de seu principal interlocutor, o ourives conhecido como Chumbo. Juazeiro do Norte, CE, 1970.



Grupo de antropólogos em trabalho de campo.  
Da direita para a esquerda: Moacir Palmeira,  
Lygia Sigaud, Leilah Landim, Silvana Miceli,  
Regina Novaes e Beto Novaes. Palmares, PE,  
1974



Beatriz Heredia e Vera Echenique. Ilha de  
Itamaracá, PE, 1972.



José Sérgio Leite Lopes e Rosilene Alvim.  
Ilha de Itamaracá, PE, 1972.



Beatriz Heredia, Osvaldo Heredia e a filha Ana Inês. Ao lado, Lygia Sigaud. Ilha de Itamaracá, PE, 1972.



Grupo de antropólogos no intervalo entre as etapas do trabalho de campo na Zona da Mata Nordestina. Ilha de Itamaracá, PE, 1972.